

«DOCE ENLÉVO»...

QUADRO DE JOSÉ CAMPAS

II série — N.º 516

Assinatura para Portugal,
colónias portuguesas
e Hespanha:

Trimestre	1\$20 cty.
Semestre	2\$40
Ano	4\$80

Numero avulso, 10 centavos

Ilustração Portuguesa

Edição semanal do jornal O SÉCULO

• Redacção, administração e oficinas: rua do Seculo, 43 •

Lisboa, 10 de Janeiro de 1916

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES



Cartuchos Para Espingardas

Com que qualidade de cartuchos está Va. Sa. atirando esta temporada.

Va. Sa. notará que todo o interesse dos caçadores e commerciantes centralizam-se em Remington-UMC como os cartuchos do dia. Va. Sa. necessitará cartuchos Arrow polvora sem fumo, Nitro Club polvora sem fumo preço módico, Remillion preço baixo e New-Club polvora preta, na sua proxima caçada.

Isso é se Va. Sa. deseja exactidão.

Acham-se á venda nas principaes casas d' este genero.
Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio do Amazonas
LEE & VILLELA OTTO KUHLEN
Caixa Postal 420, São Paulo Caixa Postal 20A,
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manaus

Agente em Freguesia G. Heitor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.




O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos



que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, Inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remédio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas; enxaquecas; digestões difficéis; pobreza de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bilis; tez amarellada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; nauseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacias e drogarias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

REMEDIO FRANCES



Em todas as pharmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 26, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte comprando 2 Frascos.

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina contínua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periódicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e emprezas nacionaes.—Escritorios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: Lisboa, 605—Porto, 117

CAPITAL

Ações.....	360.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação.....	266.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Lêr na proxima
quinta-feira o

Seculo Comico

PREÇO: 1 centavo

Inglaterra

Acaba de ser decretado, na Inglaterra, o serviço militar obrigatório. Semelhante providência significa, evidentemente, um rude golpe vibrado ás liberdades tradicionaes do cidadão inglez. Mas semelhante providência representa tambem a afirmação da dignidade coletiva do Estado britânico. A orientação dada por Eduardo VII á politica européa foi — ninguém o ignora — uma das mais próximas causas da guerra actual. A nobre Inglaterra não engeita hoje a

grande parte de responsabilidades que lhe cabe na gravissima crise que a Europa atravessa. Desde que a Grã-Bretanha levou a França, a Bélgica, a Sérvia, a propria Rússia aos mais duros sacrificios de vidas, não era justo que deixasse de participar d'esses sacrificios, pelo menos na mesma proporção. Se, n'esses paizes, o imposto de sangue é uma obrigação de todos, — não podia continuar a ser na Inglaterra um ato voluntário de alguns. A lei do serviço militar obrigatório afronta as liberdades seculares do cidadão inglez? Mas confere á Inglaterra um direito que a consciéncia européa não lhe reconhecera ainda: o direito de invocar instrumentos diplomáticos para exigir sacrificios de vidas a cidadãos estrangeiros.

terra um ato voluntário de alguns. A lei do serviço militar obrigatório afronta as liberdades seculares do cidadão inglez? Mas confere á Inglaterra um direito que a consciéncia européa não lhe reconhecera ainda: o direito de invocar instrumentos diplomáticos para exigir sacrificios de vidas a cidadãos estrangeiros.



Saias curtas

E' exato, minha querida amiga. Não ha dúvida de que a moda das saias curtas — Poiret ou Worms? — remoeva as mulheres e perturba os homens. Realisa, portanto, as duas maiores ambições d'esse delicioso sexo a que você felizmente pertence, e que é, na frase amarga de Strindberg, «tudo quanto nos ficou do macaco». Mas é preciso confessar, minha amiga, que a saia curta não tem apenas vantagens: conheço lhe, pelo menos, todos os inconvenientes das modas excessivamente reveladoras, — sobre tudo tratando-se das duas coisas que na mulher são mais belas, quando são belas, e mais



feias quando são feias: o pé e a perna. Sei d'um *vieux-marcheur*, homem de espirito, que se entretem a anotar n'uma pequena carteira, pelas tardes doiradas do Chiado, todas as imperfeições que as saias curtas lhe revelam. Ora diga-me, minha amiga, — que vantagem ha em saber-se que Madame Z tem as pernas tortas e que Mademoiselle Y mete os pés para dentro?

Um cão

Emquanto a grande opinião mundial se preocupa com a situação de Salónica ou com a atitude de Wilson, com o delirio senil de Francisco José ou com o céu-da-boca de prata de Guilherme II, — a pequena opinião portugueza, meudinha e bairrista, procura os *fait divers* pela terceira página dos jornaes. Um d'elles é interessante. Em Almada, n'um logar chamado Alembraça de Cima, desapareceu um velho cabreiro, Francisco António, que vivia n'um casebre com vinte e seis cabras e um cão. Os da terra suspeitaram que o homem tivesse morrido, — e arrombaram-lhe a porta. O cadaver lá estava, de bruços sobre um velho capote de saragoça, — e, ao pé d'ele, o pobre cão fiel lambia as mãos do dono morto, afagava-o, uivava, tremia, chorava de dôr. N'esta hora em que, por toda a parte, os homens se entre-devoram como cães, — chega a ser consolador ver um cão com sentimentos humanos.



Registo literário

Esta *Crónica* vae esforçar-se por ter em dia o seu registo literário. Comentaré ligeiramente as obras que vão aparecendo, — e procurará anunciar em primeira mão aquelas que hão de aparecer. Antero de Figueiredo, que ha pouco poz em arte a história de D. Pedro e de D. Inez, com as tintas sóbrias e luminosas de Anatole France, vae publicar pela livraria Bertrand o seu novo livro *Leonor Teles*, admiravel crónica da Lisboa do século XV, cuja capa a côres de Alberto Sousa, tem o escudo em lissonja da *Flôr de Alitura*, — de um lado as armas do reino, do outro o campo d'oiro dos Teles. Augusto de Castro, o dramaturgo eminente do *Chá das cinco* e do *Amor á antiga*, publica em brève, pela Empreza Literária Fluminense, um volume de prosa, *Fumo do meu cigarro*, notavel pela subtiliza elegante da critica e pela nobre limpidez do estilo.



JULIO DANTAS

(Ilustrações de Manuel Gustavo)

A FILHA DE D. DUARTE

DA confortavel sala de fumar do «Demerara», da Mala Real Inglesa, quatro passageiros, reunidos em torno de uma pequena mesa de carvalho encerado, jogavam animadamente o «bridge».

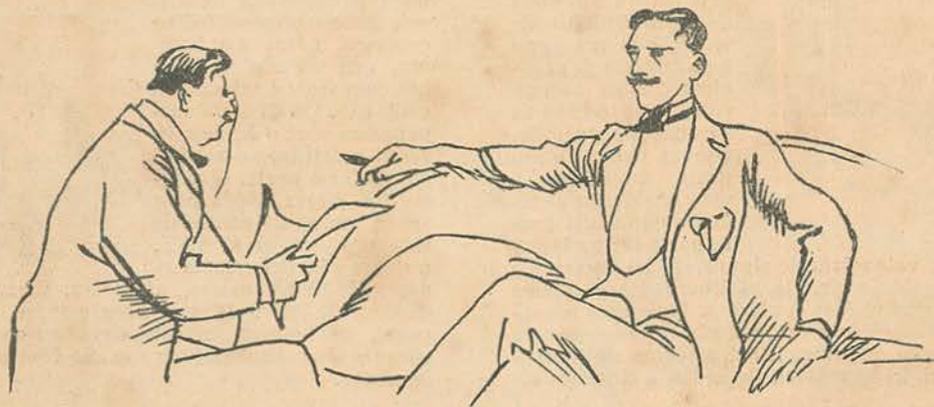
Era um deles, homem já de certa idade, o sr. Francisco Ferreira Lemos, negociante na Bahia que tinha embarcado em Liverpool com destino ao Brazil.

A' passagem do paquete por Lisboa tivera a surpresa de vêr entrar a bordo um velho amigo, Paulo Maldonado, e logo o sr. Lemos o apresentou aos irmãos Boyle, seus habituaes parceiros de «bridge» durante a travessia, como um jogador de primeira plana.

Os dois inglezes, que regressavam ao Rio depois de uma visita á patria, ficaram satisfei-

rei-me alguns dias em Lisboa. Vinha comigo minha mulher. Era uma viagem de recreio para ela, de negocios para mim. O meu agente em Lisboa, querendo obsequiar-nos, deu nas vespersas da nossa partida para o Norte um jantar intimo, seguido de concerto. Festa encantadora, em que a alegria sincera se reunia á mais estremada distincção.

E tudo convergia para que eu estivesse bem disposto: Tinha feito n'aquelle dia o que eu julgava ser uma boa transacção, o jantar estava delicioso, os vinhos eram excellentes, e, ainda mais apreciavel do que tudo isso, a adoravel companhia em que nos encontravamos. Fossem, porém, efeitos do Porto ou do Champagne, o caso é que, quando me levantei da mesa e passámos á sala de bilhar, sentia a ca-



tissimos de encontrar um tão digno adversario e, dentro em pouco, os quatro davam começo a uma partida do seu jogo predilcto.

Terminada esta, os inglezes acenderam os cachimbos, Paulo Maldonado puxou pela cigarreira e o sr. Lemos ia relanceando a vista pelos jornaes que tinham chegado de terra.

Ao abrir a *Ilustração Portuguesa* exclamou com ar desapontado:

—Que pena! Já não publicam as figuras do concurso!

—O quê? Lemos! Você entretem-se com essas bagatelas — perguntou o Maldonado com um sorriso ironico.

—Não, meu caro; mas não posso esquecer que a essas figurinhas devo ter evitado, senão a minha ruina, pelo menos a perda de alguns contos de réis.

E como os seus companheiros mostrassem viva curiosidade em saber que operação era essa que se tinha realisado com tão feliz e milagrosa intervenção, o sr. Lemos explicou:

—Quando em maio vim do Brazil, demo-

beça um tanto pesada e as idéas confusas. Logo que pude esquivar-me, saí para o jardim a vêr se o ar fresco da noite as aclarava. Tinha a impressão de haver falado de mais ao jantar, o que para um homem de negocios nunca é isento de perigos.

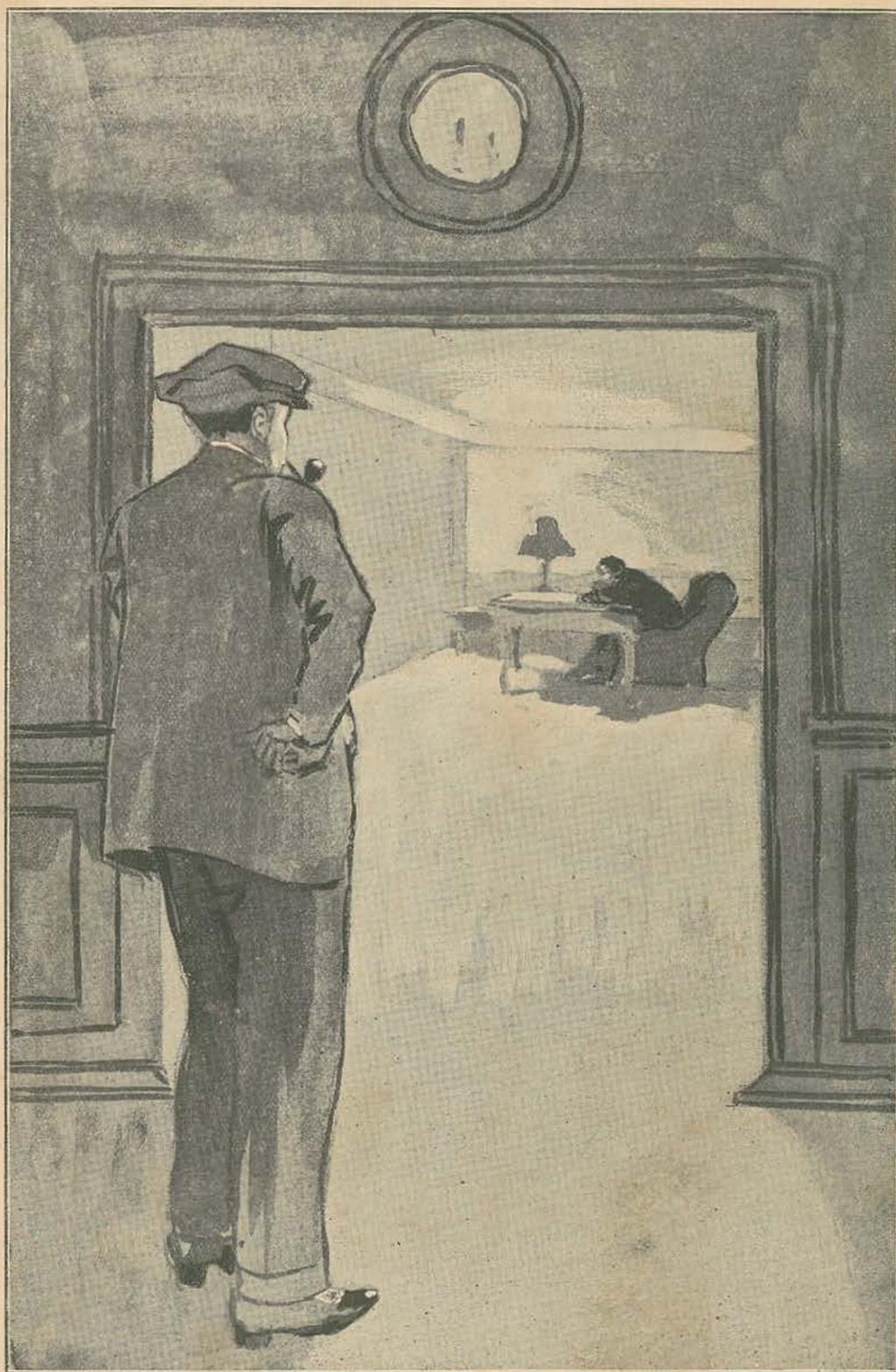
Passeando de um lado para o outro, ia observando o que se passava nas salas que eram todas no rez-do-chão. N'uma saleta, que separava a casa de bilhar das salas de recepção, notei junto a uma mesa, carregada de livros e de jornaes, um cavalheiro que fôra meu visinho ao jantar e a quem, se me permitem, chamarei o sr. X.

Era uma figura importante da alta finança. Estava escrevendo qualquer coisa a lapis; e eu, do jardim, divertia-me a observa-lo sem que ninguem me visse. A mão pesada, de dedos grossos, parava de vez em quando, como se o que o sr. X. estava escrevendo precisasse de ser bem meditado.

Quando acabou de escrever, dobrou o papel em quatro e dirigiu-se para o vestibulo.

Percebi que era um telegrama que ele tinha escrito; e, sem ligar maior importancia ao ca-

Na sala de musica, repleta de convidados, dava-se então principio ao concerto. A cabe-



so, continuei a divagar pelas ruas do jardim.

ça ainda me doía a valer; mas voltei para casa, deixando-me ficar na saleta, onde o sr.

X. estivera pouco antes, e nos intervalos das execuções ia folheando ao acaso as revistas que encontrava.

Atraiu-me a atenção o retrato de uma linda menina na capa da *Ilustração Portuguesa*. Abri a revista na primeira pagina e logo a silhueta de D. Catarina, filha de D. Duarte, se interpoz entre mim e a *Cronica*. Ia afasta-la, enfadado, quando notei que a tinta apastelada, com que a figura estava impressa, tinha reproduzido no verso da capa, onde havia um anuncio com grandes claros, o que alguém sobre ela escrevera, vincando-a fortemente.

Mais por distração do que por curiosidade, comecei a ler o que estava escrito ás avessas. As palavra *Kilburne* e *Ceará* e alguns algarismos atrairam-me vivamente a atenção. Não era, certamente, uma carta de amor; e, lembrando-me de que seria o telegrama que vira escrever ao sr. X., tratei de decifrar aquella enigma.

Se era o que eu suspeitava, não podia perder um momento, e o processo que eu empregava era muito demorado. Um espelho seria o mais simples; mas não os havia na saleta onde me encontrava e não podia utilizar-me dos que decoravam os salões.

Minha mulher, inquieta pela minha ausencia, veio procurar-me, e, ao vê-la, tive uma inspiração. Lembrei-me de uma caixinha para pó de arroz, com que a brindára dias antes, e pedi-lhe que m'a emprestasse.

—Para quê?—perguntou ela admirada.

—Para aniquilar um inimigo.

—Com pó de arroz?!... Estás brincando!...

Felizmente a dona da casa veio pedir a minha mulher que fosse cantar e eu mais uma vez fiquei só.

Na tampa da caixa havia um pequeno espelho e, com o seu auxilio pude ver num relance o que o sr. X. tinha escrito. Era aproximadamente isto:

Kilburne quer 2000 Ceará. Dá 10. L. pede 12. Ofereça até 10 $\frac{1}{2}$ sendo preciso.

Compreendi que tinha deixado escapar á meza qualquer frase, que puzera o sr. X. ao facto de uma transação que eu encetára e ele tratava de antecipar-se por aquella fórma.

Por minha vez redigi um telegrama para o meu gerente, dizendo-lhe que completasse o negocio sem demora, aceitando até 10 em ultimo extremo, mas evitando levantar suspeitas. E depois de acrescentar ao telegrama a nota de urgente fui em busca de alguém que m'o levasse á estação central.

O vestibulo estava deserto, e eu meti ao acaso por um corredor. A' porta da cosinha um homem novo, tipo de criado, envergava um sobretudo. Perguntei-lhe se podia ir ao telegrafo.

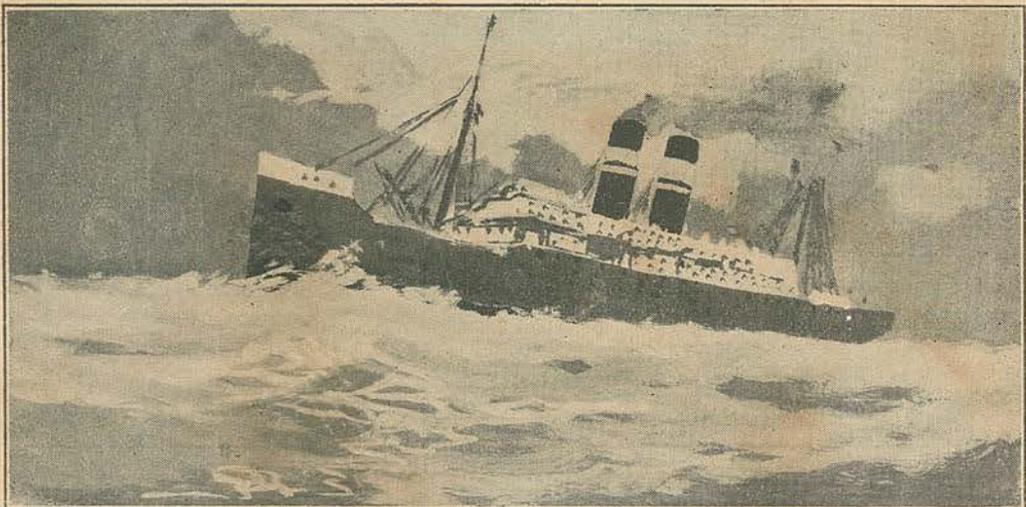
—Sim, senhor—respondeu-me—é mesmo lá que eu vou. O sr. X deu-me ha pouco um telegrama para levar á estação central, mas, como não me disse que era de pressa, pensei que podia jantar primeiro.

Confesso, meus amigos, que me assaltou uma forte tentação de, com qualquer pretexto, intercetar a expedição do telegrama do meu inimigo; mas refleti que o meu gerente remediará o mal sem que fôsse preciso recorrer a taes meios. Reentrei, pois, de animo leve e consciencia tranquila nos salões resplandecentes de luz, de flôres e de mulheres.

No dia seguinte um telegrama do meu empregado avisava-me de que «tudo ia bem» e algumas horas mais tarde eu e minha mulher, confortavelmente instalados num compartimento do «rapido» da noite, proseguimos a nossa viagem em direção a Biarritz.

E aí está porque lhes disse que ás figuras do concurso do *Seculo* e das suas publicações, mas especialmente á infanta Catarina, devia algumas dezenas de contos de réis.»

Mary O' Ramos.

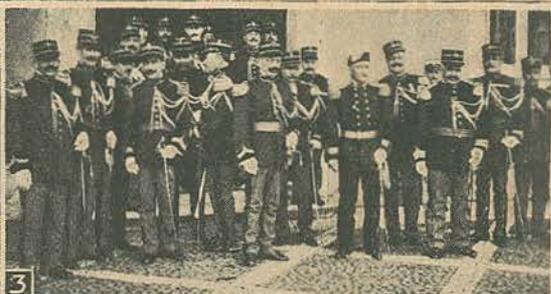




1



2



3



4



5

1. O ministerio, presidido pelo sr. dr. Afonso Costa, saindo do palacio de Belem, depois de cumprimentar o sr. Presidente da Republica.—2. Oficialidade de marinha.—3. O general eomandante da Guarda Republicana e alguns officiaes—4. O co-

mandante da Escola de Guerra, sr. general Moraes Sarmiento com os seus alunos.—5. Vereadores da Camara Municipal de Lisboa, com o sr. dr. Levy Marques da Costa, presidente da comissao executiva do municipio

A recepção presidencial, realisada para comemorar a entrada do ano novo, revestiu grande imponencia e brilhantismo, tendo ido ao palacio de Belem cumprimentar o sr. presidente da Republica o corpo diplomatico e muitas deputações civis e militares, que



6

foram recebidos carinhosamente pelo Chefe do Estado.

No Congresso Nacional, onde o sr. presidente da Republica foi retribuir os cumprimentos do poder legislativo, trocaram-se saudações muito penhorantes e de um alto alcance politico.

O sr. Presidente da Republica saindo do Congresso acompanhado pelo presidente do governo e o secretario geral da presidencia, sr. capitão Maia Pinto.—(Clichés Benoiel).

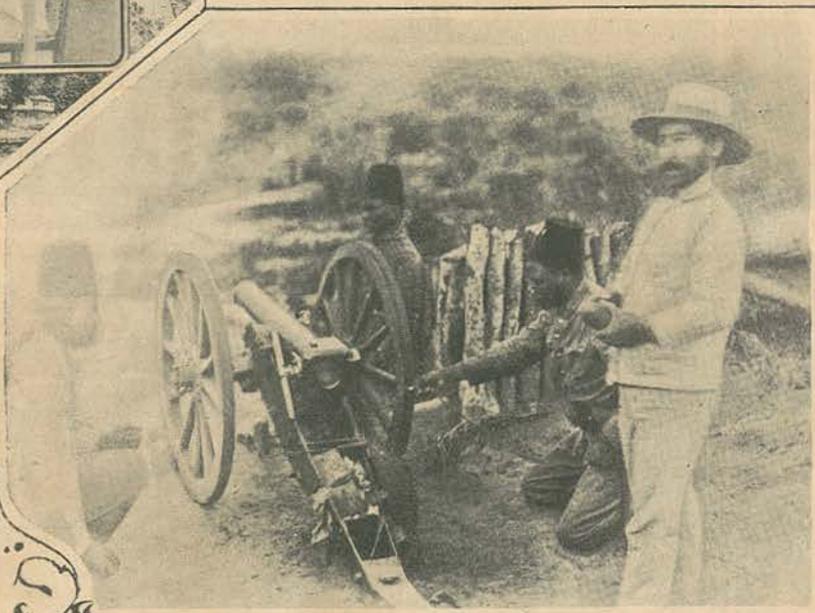
LONGE DA PATRIA

A gloriosa data de 5 de outubro não passa despercebida a mesmo áquelles que longe da patria, nas inhospita-

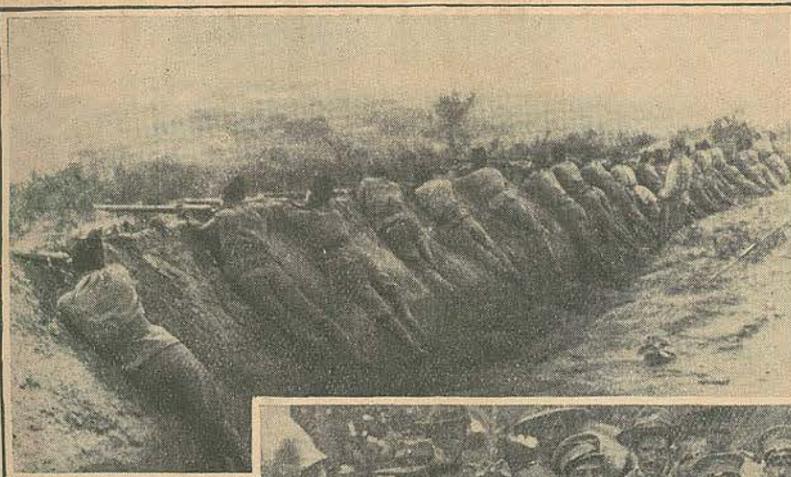
tes das noites agrestes; nem a falta do mais insignificante conforto fazem esquecer aos que verdadeiramente amam a sua patria esse dia de tão grata memoria para a nossa historia em que caiu feito pedacos um regimen que nunca soube elevar o paiz ao nivel a que tinha direito pelo muito que contribuiu para a civilização do mundo com as descobertas dos seus antepassados e outros atos de grandeza epica que a mesma historia orgulhosamente registra.

As fotografias que a «Ilustração Portuguesa» reproduz, generosamente cedidas pelo distinto fotografo amador e militar brioso o tenente sr. Silva Soares, foram tiradas em Palma, nos territorios de Cabo Delgado, onde, junto á fronteira, as tropas portuguezas se

tas plagas africanas, defendem com ardor o nosso patrimonio de além-mar. Nem o canção de marchas forçadas em terrenos acidentados sob um calor abraçador; nem os frios cortan-



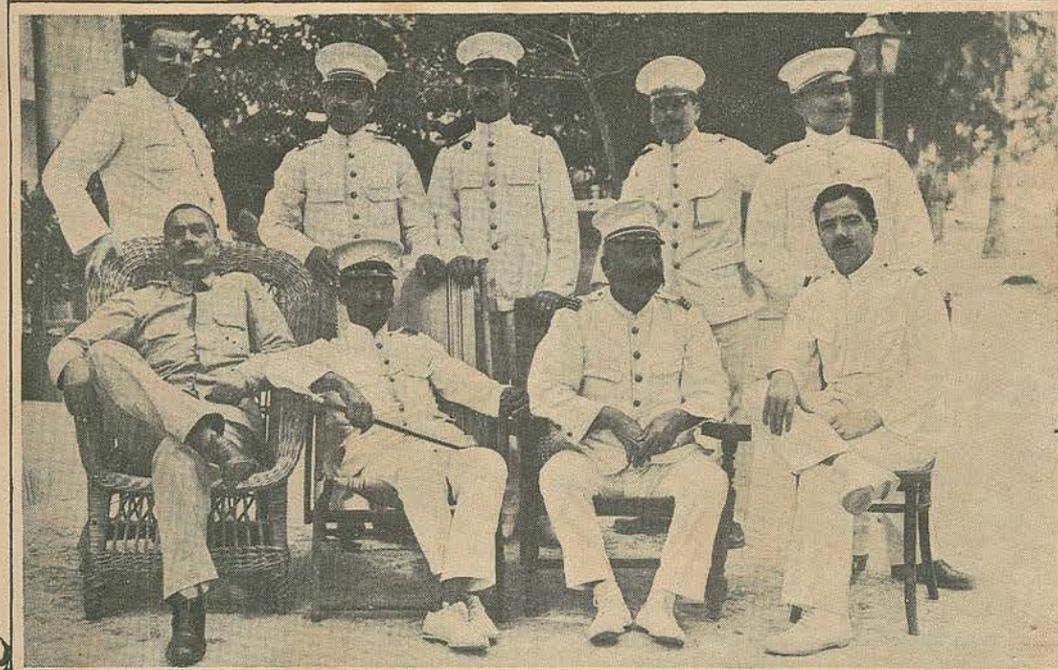
1. Capitão sr. Antouio de Almeida, comandante militar dos territorios do Cabo Delgado (fronteira). Oficial inteligente e ativo é tambem um dedicado republicano, tendo já exercido missões de confiança dos governos da Republica, entre ellas a de governador civil do distrito de Castelo Branco.—2. **Exercício de combate:** Uma das peças no forte de Palma, preparando-se para fazer fogo.—3. Parada das foças em serviço de vigilancia na fronteira alemã (Niassa), por ocasião de arvorar a banqueira no dia 5 de outubro de 1915. No medalhão o distinto fotografo amador tenente sr. Silva Soares, autor d'estas fotografias, amavelmente por ele cedidas á *Ilustração Portuguesa*



deira portuguesa como simbolo da regeneração de um pequeno povo sempre heroico, sempre generoso e sempre bom.

E' consolador para os que vivem na metropole saber que lá fóra trasborda o mesmo entusiasmo que aqui se observa no dia do aniversario da revolução de 5 de outubro, que marcou uma das mais brilhantes e imorredouras paginas da nossa historia.

conservavam em aturada serviço de segurança e vigilancia, cobrindo de todas as possiveis surpresas dos alemães a coluna expedicionaria ida da metropole e que se aquartelava em Porto Amelia. Foram tiradas no dia 5 de outubro, como agradável recordação da sua principal data nacional, havendo regosio em todos os corações e saudando-se com um entusiasmo que não se descreve a ban-



1. *Exercício de combate*: O pelotão da 17.^a companhia expedicionaria indigena de infantaria ocupando uma das trincheiras do Forte de Palma—2. Grupo de sargentos pertencentes ás unidades estacionadas em serviço de vigilancia na fronteira. Da esquerda para a direita, sentados: tenente Anastacio, da 2.^a companhia dos territorios do Niassa; capitão Amorim, comandante militar de Palma; capitão Soares, comandante da 17.^a companhia expedicionaria indigena de infantaria; tenente-medico Ribeiro. Da esquerda para a direita, em pé: alferes Andrade, comandante do corpo de policia de Niassa; alferes Marcos, Pereira e Silva Soares, subalternos da 17.^a companhia expedicionaria indigena de infantaria e tenente Fortunato Pires, comandante da 2.^a companhia dos territorios do Niassa

I

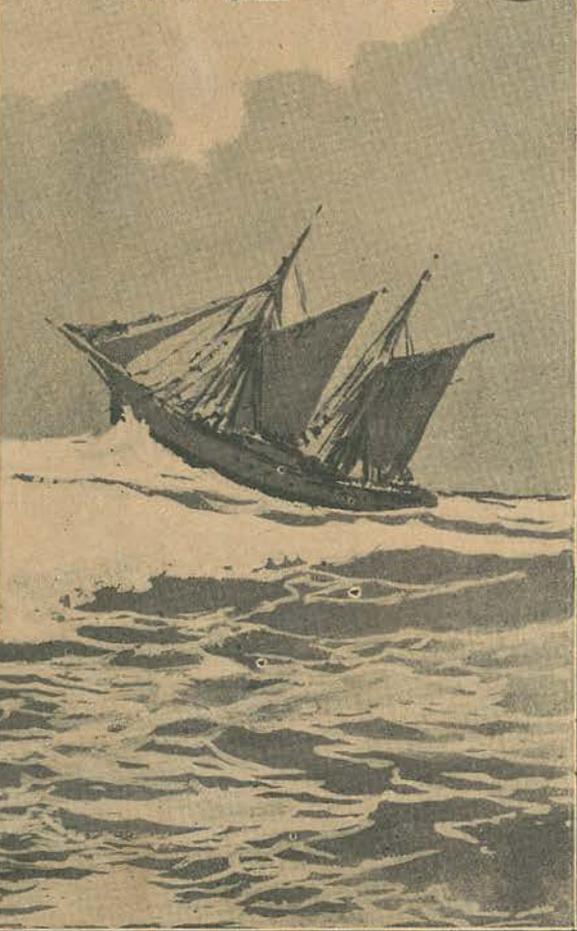
*Escumante Colosso, altivo e nobre,
De farta cabeleira emaranhada,
A tua superfície esverdeada
Abismos de riquezas nos encobre!*

*No teu seio insondavel, que nos cobre
Do Globo a maior parte, não ha nada,
Desde a per'la mais bela e nacarada,
Que dá o luxo ao rico e o pão ao pobre,*

*A' mais modesta concha ou caramujo,
Que não seja obra-prima, obra divina,
Que a Natureza fez com arte e amôr!*

*Tu és o leito e a vida do marujo
Que valente te sulca e te domina,
E és o ganha-pão do pescador!*

O MAR



II

*E foi, singrando as curvas graciosas
Do teu liquido corpo, oh! Mar sagrado,
Que outróra os Portuguezes deram brado
Com suas descobertas assombrosas!*

*Além do dorso teu, então vedado,
Em lutas estupendas, tão famosas,
Alcançaram vitórias estrondosas
Que cintilam na Historia do Passado*

*Em grandes letras d'oiro resfulgente!...
For tudo, eu te amo, oh! Mar bravo, gigante,
Herculeo, poderoso — colossal*

*Que vens beijar prostrado, como um crente,
A fimbria do vestido verdejante
Da minha amada Patria: — Portugal!*

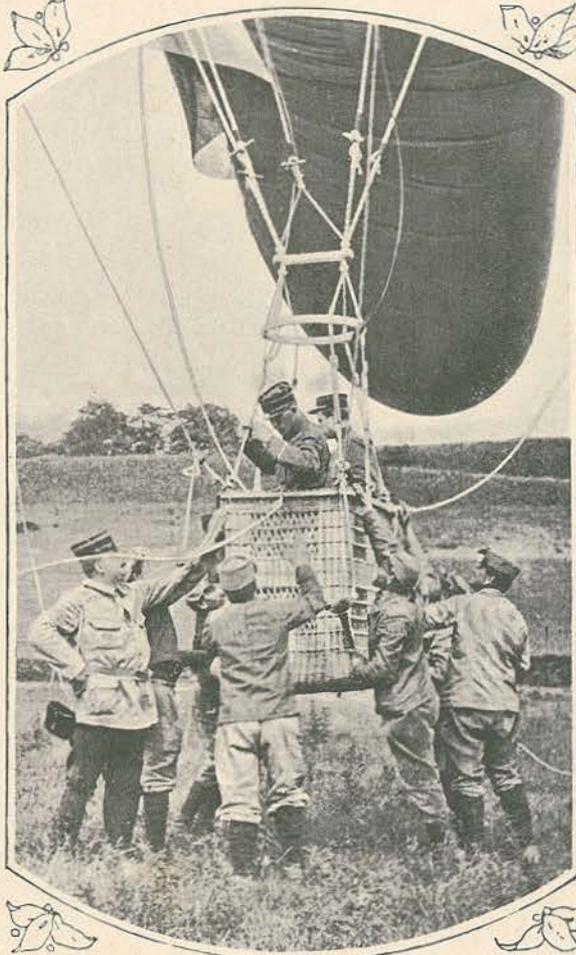
ESMERALDA DE SANTIAGO

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Não se pode negar que a propaganda de «Lord» Derby para chamar voluntários às fileiras do exercito inglez deu resultados superiores aos que se esperavam. Em cerca de dois mezes calcularam-se em dois milhões e meio os mancebos alistados. Mas, embora brilhantes, reconhece-se que estes resultados não tem sido suficientes para corresponderem ás necessidades, calculadas pelo governo inglez e pelo estado maior do exercito. A Grã-Bretanha está disposta a empregar os ultimos esforços e a sacrificar tudo o que fôr preciso para a victoria definitiva.

Para isso precisa de muita gente; de muito mais do que pode dar um alistamento voluntario embora impellido por um fervoroso patriotismo. Está, pois, decretado o serviço militar obrigatorio, com a restrição de não serem chamados a prestar esse serviço os homens casados sem que todos os solteiros estejam já nas fileiras do exercito.

Esta resolução abriu algumas dissidencias no seio do ministerio, bem como levantou discussões nos meios politi-



A partida de dois officiaes francezes n'um balão para realizarem observações dos campos de batalha.—(Cliché Excelsior).

cos mas, sem duvida que, passadas as primeiras impressões, todos hão de recair na convicção serena de que se tornára indispensavel tal medida. A imprensa faz-lhe elogios quasi unanimes, o que é prova de que a opinião publica a acolheu com simpatia.

E não precisa mais nada para que ela vinque plenamente, engrassando as fileiras inglezas com numerosos e bons soldados.

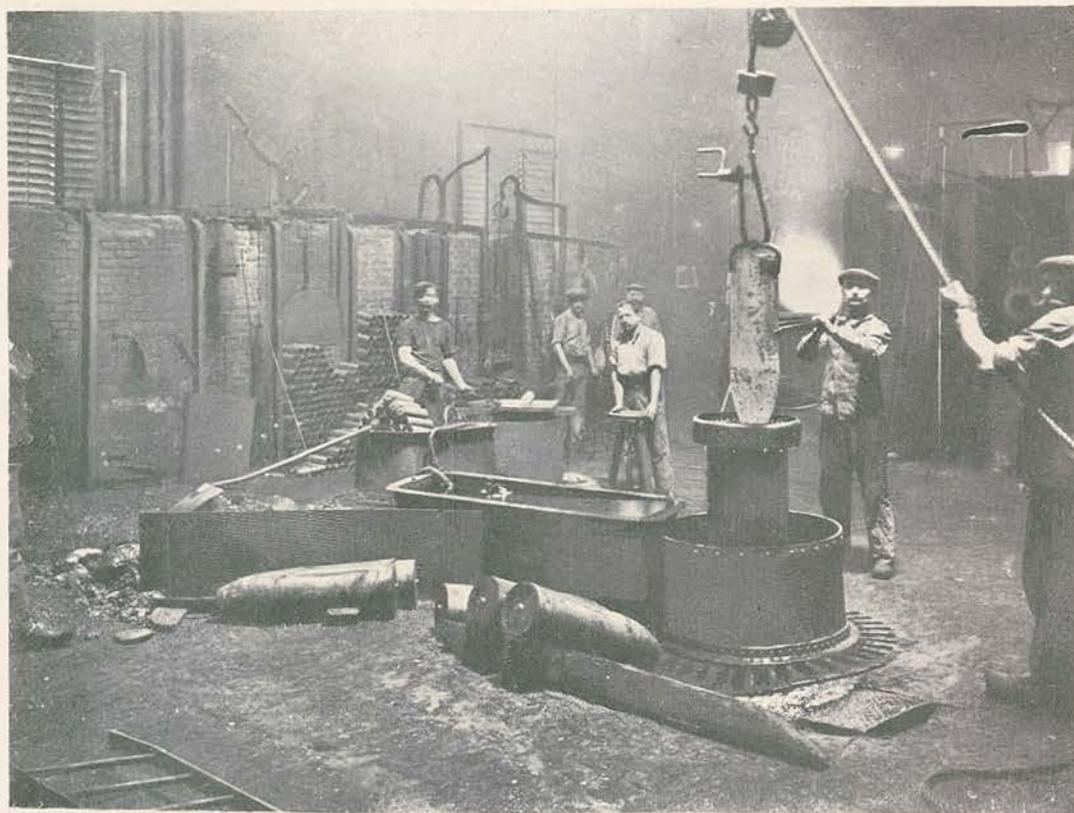
Para se fazer idéa de quanto o alistamento voluntario deixava ainda a desejar, os jornaes de Londres fazem o calculo minimo a 250.000 o numero de celibatarios que só na capital tinham deixado de responder ao convite para se alistarem.

O estabelecimento do ensino militar obrigatorio em Inglaterra vae seguramente abreviar o desfecho tão almejado d'esta horrorosa luta, que até ha pouco não se podia resolver por falta de material. Agora que todas as fabricas dos paizes aliados estão tendo uma enorme produção de material de guerra, são os homens que fazem falta.

dos estão tendo uma enorme produção de material de

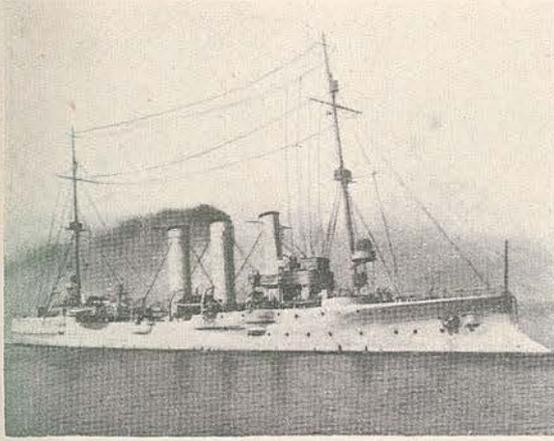


Na frente ingleza (arredores de La Bassée).—Ingleses tirando um carro de munições atascado nas lamas que as abundantes chuvas causaram.—(Cliché Branger).



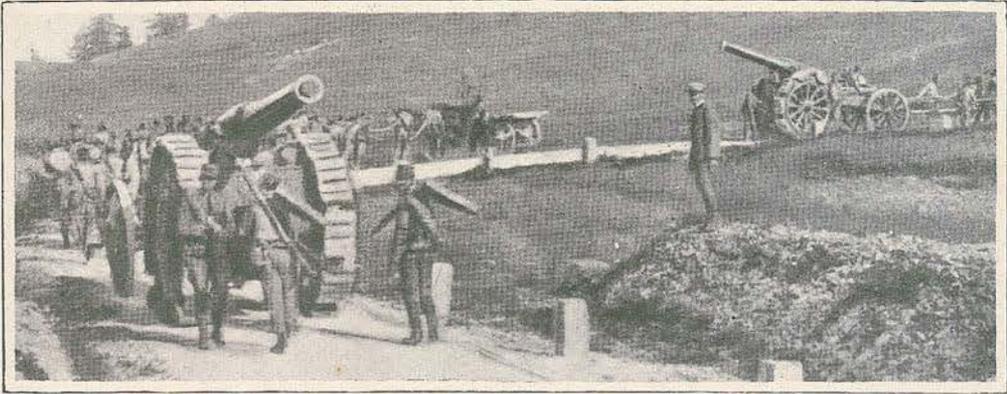
Lyon.—Dois aspetos da fabrica de obuzes de 220

(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração Portuguesa*).



O cruzador alemão *Bremen*, metido a pique por um submarino inglês no Báltico

Um cão da Cruz Vermelha, ferido por uma bala, recebe curativo (Cliché da secção fotografica do exercito francez)



Uma bateria pesada italiana escolhendo posições



O rei Pedro, abandonando a Servia sob a mais lancinante dôr, segue a cavalo o seu carro (Cliché da *Illustrated London News*).



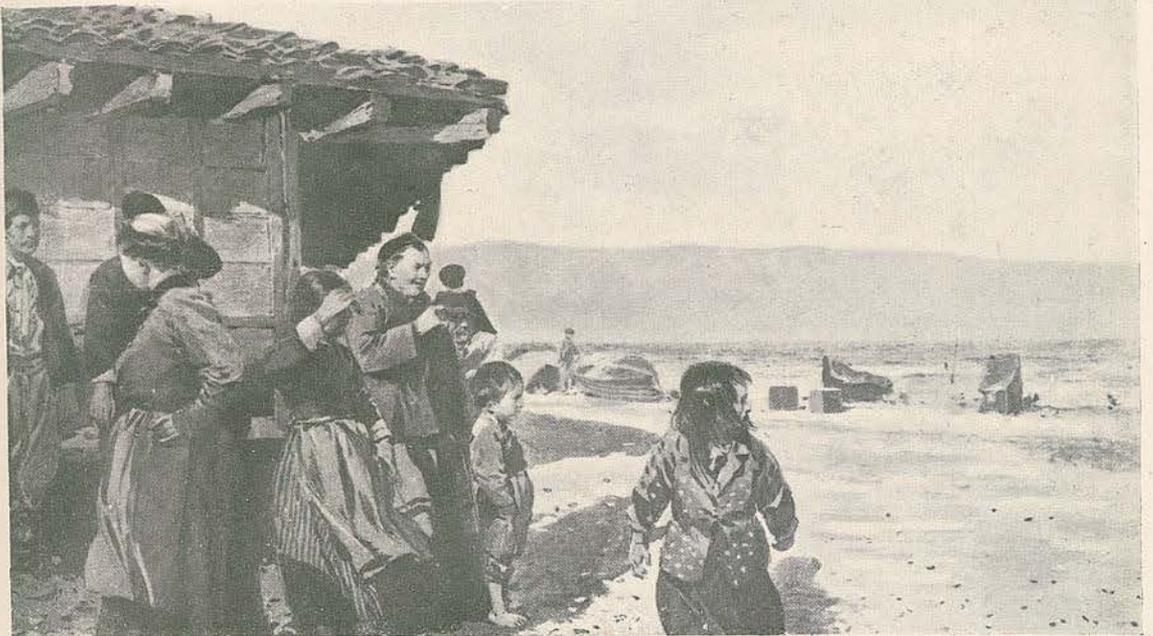
O general «sir» Douglas Haig

Este insigne oficial nomeado agora para substituir o marechal de campo «sir» John French no comando do exercito inglez em operações em França e na Flandres tem uma das mais brilhantes biografias militares dos tempos modernos. Além dos altos serviços que prestou no Soldão, na Africa do Sul e na India, partiu com as forças ex-

pedicionarias para França em agosto de 1914, dando sempre irrefragaveis provas da sua coragem, da sua bela tatica e do seu espirito disciplinador. Foi-lhe confiado o comando do «First Army» (primeiro exercito) que tão gloriosamente saiu das celebres batalhas de Neuve-Chapelle, Festubert e Loos.



Trincheiras italianas entre as alturas do Trentino, no ponto denominado o *Telhado do Mundo*



Aspeto do lago Deiran onde a divisão irlandeza teve uma brilhante ação contra os búlgaros



Na linha ocidental.—Um projetor em atividade

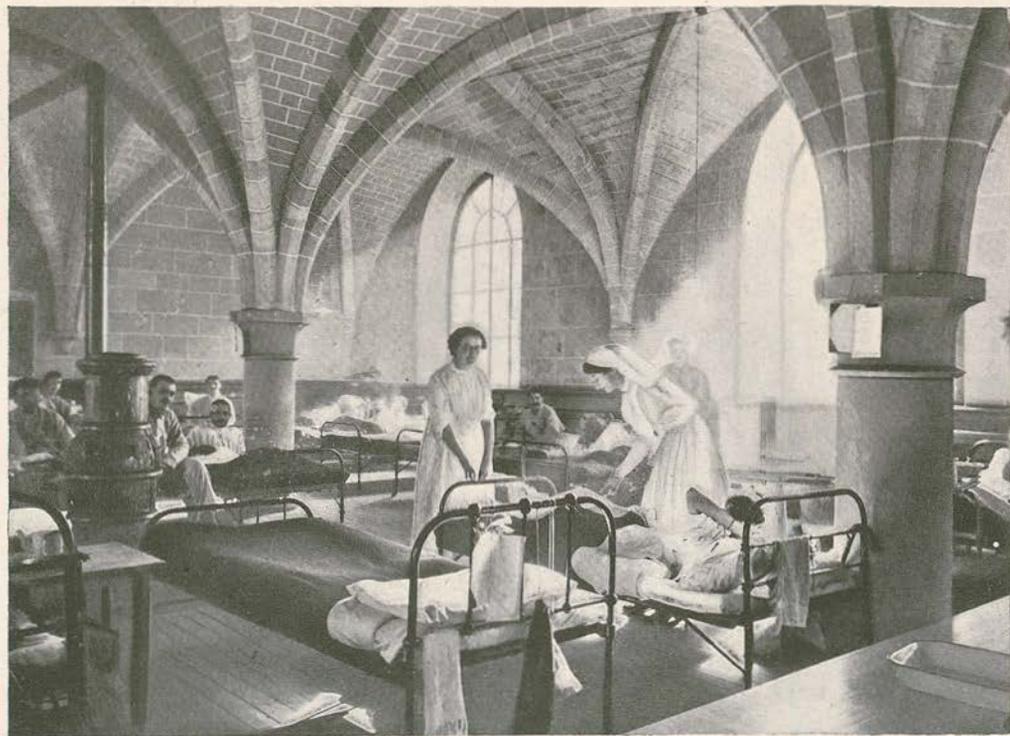


O altar da igreja de Fromelles depois do bombardeamento

A que ficou reduzido o interior da igreja de le Maisnil

PELOS FERIDOS

Ha um facto deveras impressionante, que se pode apontar como a prova mais eloquente da extraordinaria obra da humanidade que se está praticando por todos os hospitaes, onde se recolhem os feridos da guerra. E' a percentagem diminuta dos que ali morrem! Por mais trespassados de golpes, por mais mutilados que eles venham, teem sempre uma esperanza de salvação! Nunca a ciencia e a caridade se deram mais estreita e poderosamente as mãos para salvar a vida humana; nunca a riqueza abandonou tão espontaneamen-

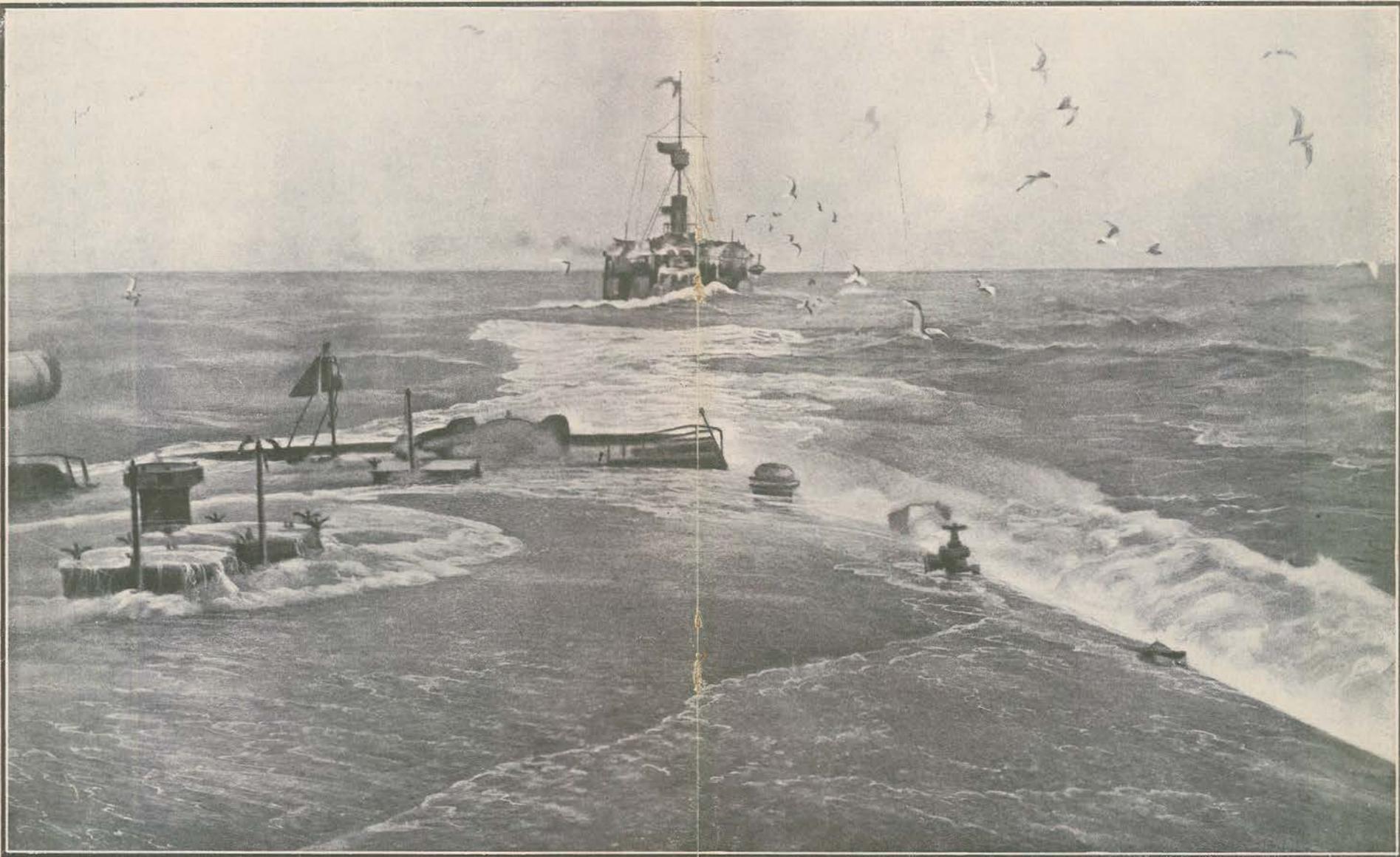


Os feridos na «Sala Branca» do Castello, da celebre abadia de Royaumont, transformado em hospital á custa de generosos subscriptores inglezes («Cliché» Excelstor).

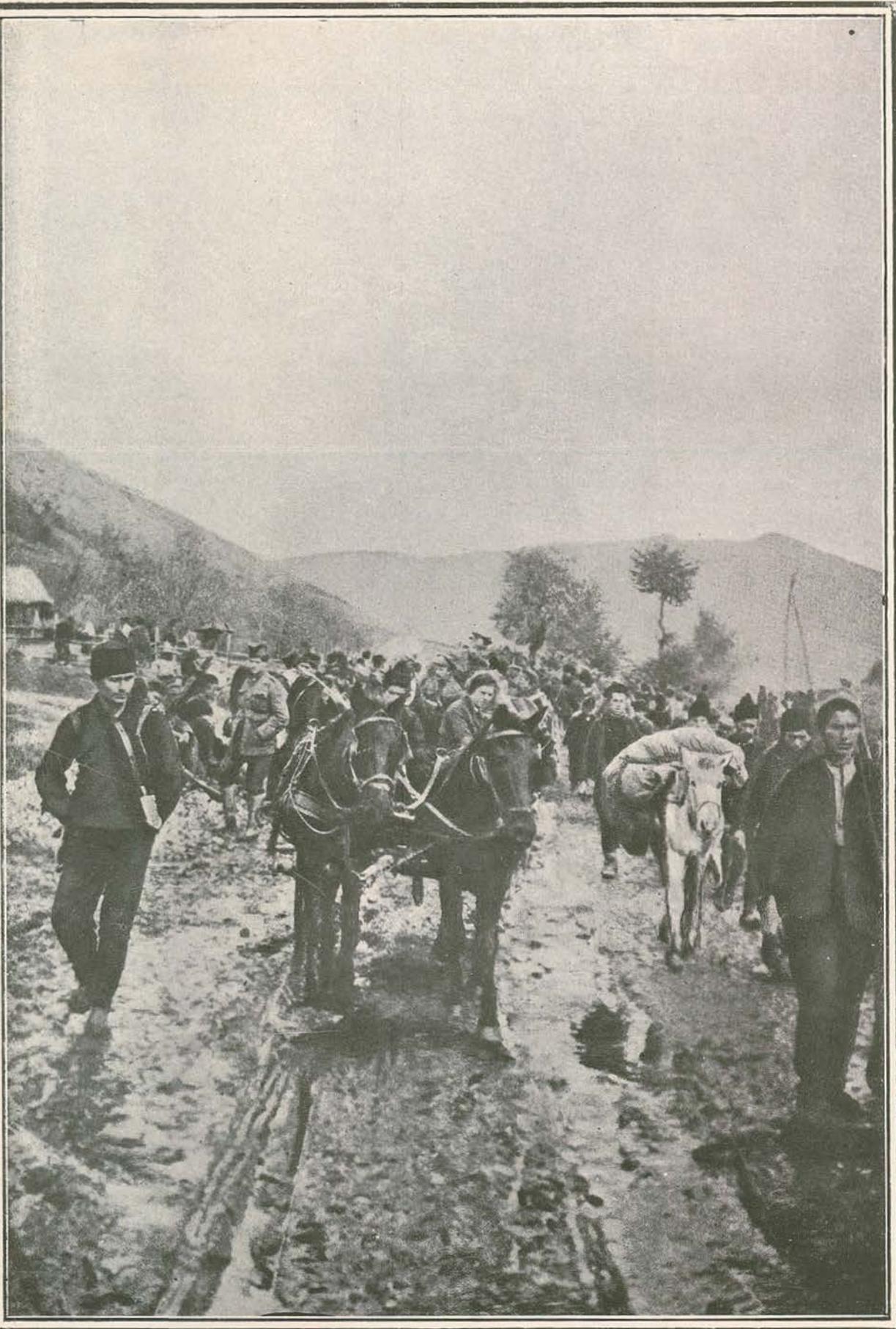
te os seus gosos e comodidades para se acercar da miséria não deixa menores impressões de caridade e de altruismo!

ria e da dôr; nunca a velha aristocracia se aproximou tão estreita e comovidamente dos humildes para os afagar, para lhes abrir tesouros de bondade e de confraternisação. E, por isso, tantos milhares de feridos, tantos, que n'outras circunstancias morreriam fatalmente, conseguem ainda viver com membros amputados e com feridas profundas, uns e outras cicatrizados por um tratamento, em que o carinho não tem certamente menos efficacia do que a cirurgia. Esta guerra deixa grandes impressões de selvageria, não ha duvida; mas

ARMADA INGLEZA



O monitor *Humber*, fotografado do tombadilho do *Severn*, o qual conjuntamente com o *Mersey* destruíram o cruzador alemão *Kornisberg*

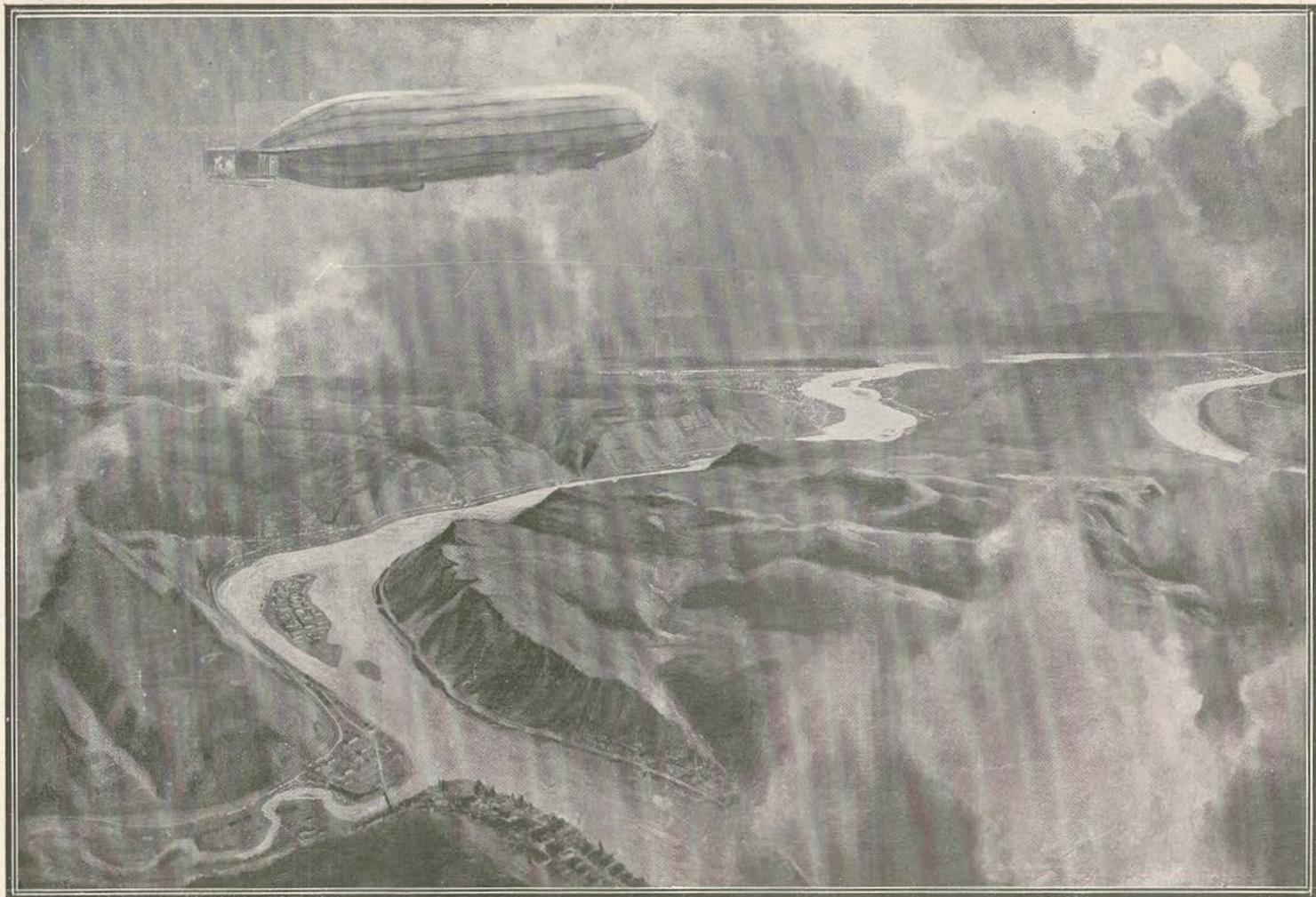


A caminho do refugio.—Soldados e populares servios fugindo á furia dos invasores



Nos Balkans.—Os ingleses construindo uma trincheira

(Cliché «Illustrations Bureau»).



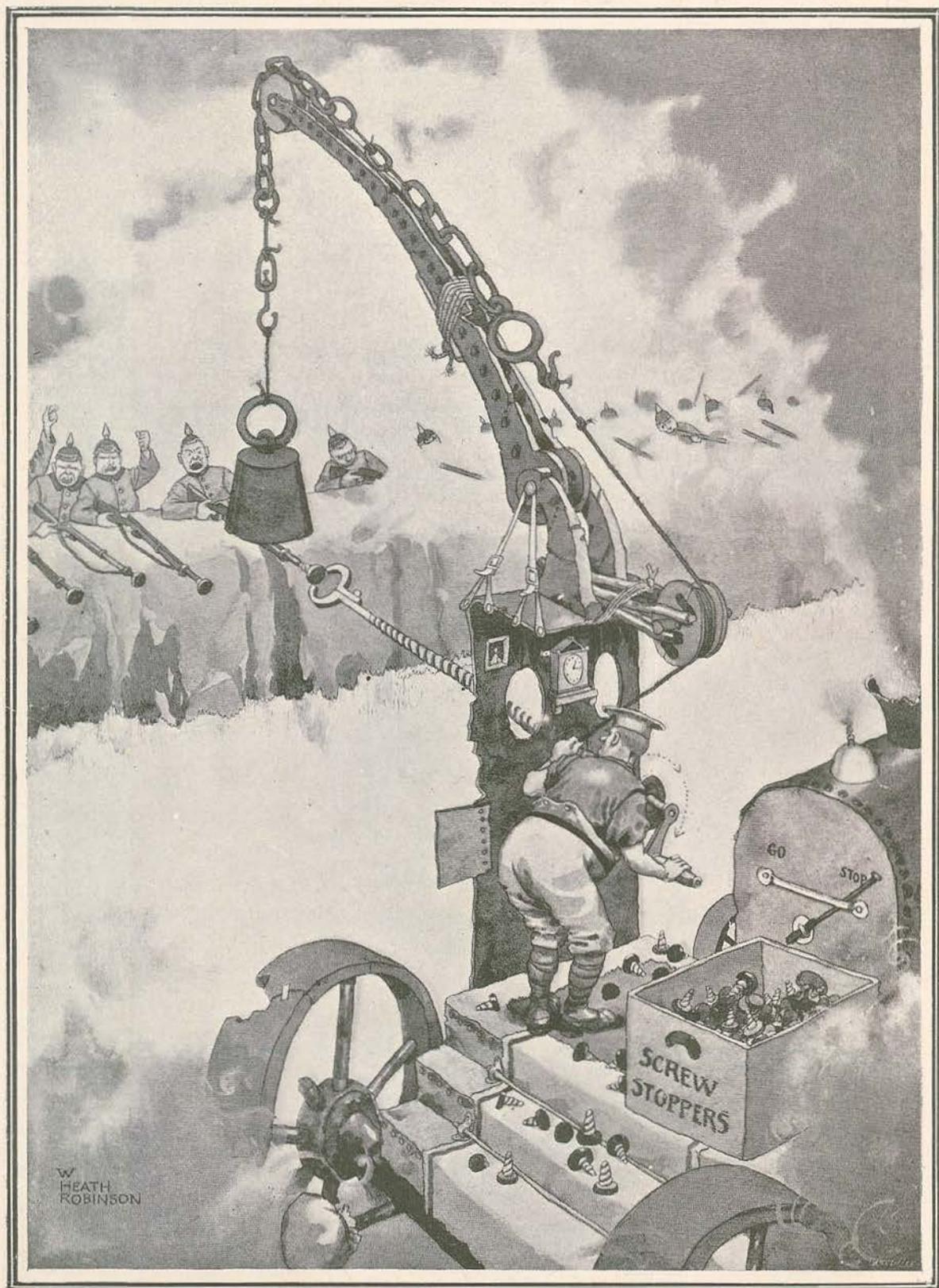
O primeiro Zeppelin que fez o caminho de Sofia em novembro, passando a fronteira servia

NA GALICIA



Quadro desolador depois da retirada dos russos

UMA INVENÇÃO FANTÁSTICA



Modo engenhoso, embora algo complicado, de aparafusar as bonecas nas bocas das espingardas dos inimigos e evitar que as balas passem.—(The Sketch).

NA SERRA DA ESTRELA

Quem uma vez a visitou fica sempre com vontade de lá voltar.

E tanto isto é assim que todos os anos grande numero de frequentadores lá vão passar uns dias!

Todos sabem a grande predileção que lhe dedica o illustre chefe do governo, sr. dr. Afonso Costa, que lá tem um lindo chalet, onde



Na nave de Santo Antonio, junto á fonte do mesmo nome, onde no verão houve agua tão fria que mal podia suportar-se

que o illustre medico Sousa Martins achou o mais apropriado para a construção de um estabelecimento de cura da tuberculose pela altitude, recebe ha muitos anos doentes que ahi se vão tratar.

Junto do edificio do Sanatorio ha um pequeno monumento á memoria d'aquelle falecido clinico.

sempre que pôde vae passar a sua temporada, fazer a sua cura d'ar!

Pois quem a não conhece deve visitá-la, e se tiver ocasião de o fazer agora, que a Sociedade Propaganda de Por-

Pená é que o Sanatorio não corresponda verdadeiramente ao fim a que se destina, pois está em circunstancias bellissimas de situação, para ser em tudo igual aos grandes sanatorios da Suissa, que estão abertos todo o ano.

Que falta de iniciativa se nota em todos os nossos empreendimentos!

E depois os governos, por seu lado, não ajudam mesmo nada.

De contrario teriamos a estas horas, ali, belos hoteis e sanatorios com comunicação facil e rapida por ferro-carril com a Covilhã.

Então poder-se-ia gosar, em Portugal, durante o inverno em que toda a serra se cobre de neve, os prazeres do alpinismo, poder-se-ia dispensar a viagem longa e incomoda do doente para a Suissa, pois que encontraria aqui todas as condições de cura e conforto indispensaveis que lá tem.

Se alguém, mesmo que não tenha os seus pulmões afetados, soubesse o bem que faz uma cura d'ar na serra, ninguém deixaria de ir passar ali uns dias.

Os efeitos são maravilhosos.

Vem imedia-



Vista geral do sitio U Sanatorio da Covilhã

tugal promove uma excursão, não deixe de o fazer.

Os belos panoramas que dos altos cantaros se disfrutam, os vastissimos horisontes que a nossa vista abrange, desde o alto da Torre, ponto culminante da serra com 1991 metros de altitude, são simplesmente surpreendentes!

Que belos dias não passam essas caravanas que da Covilhã sobem até a Nave de Santo Antonio onde acampam armando as suas tendas, gosando os belos prazeres do «camping».

A mais bela excursão que se pôde fazer á Serra da Estrela é tomar na Covilhã os seus guias, montar nos machos que para esse fim ahi sempre se encontram, seguir o caminho do Sanatorio do mesmo nome que fica na serra a 1530 metros de altitude, acampando na Nave de Santo Antonio.

Da Covilhã ao Sanatorio gastam-se perto de 2 horas.

Este Sanatorio, fundado por Cesar Henriques, um tuberculoso curado na

Serra, no local Grupo de hospedes junto ao monumento do dr. Sousa Martins, no Sanatorio da Covilhã



Grupo de hospedes junto ao monumento do dr. Sousa Martins, no Sanatorio da Covilhã

tamente o apetite, come-se imenso e respirando aquele ar purissimo, sem poeiras absolutamente nenhuma, sente-se voltar as forças de uma forma maravilhosa.

Todos que trabalham e que portanto necessitam de repouso ali deviam ir passar uns dias, para apreciar a veracidade do que aqui deixo dito.

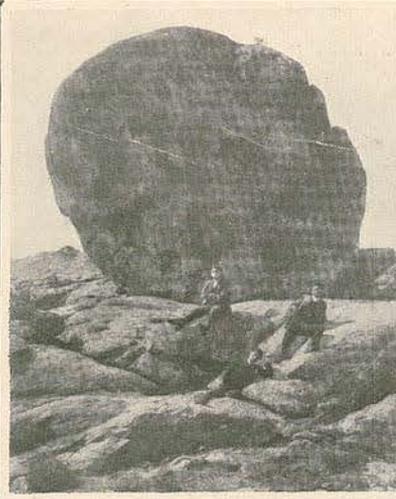
Mas continuemos.

Passado o Sanatorio chega-se d'ahi a cerca de duas horas ao passo vagaroso dos machos á Nave de Santo Antonio, onde ao fundo se erguem os Cantaros, a cuja massa imponente só um caminho dá acesso e esse mesmo tem que ser feito a pé.

E' o Espinhaço de Cão.

De um e outro lado d'esse planalto, a que se chama a Nave de Santo Antonio, escancaram-se as duas enormes aberturas por onde se desce pelo norte para o Covão de Manteigas e ao sul para o Covão de Unhaes da Serra.

O Monde-



O penedo «Alpoim», no Sanatorio



Cascata nos arredores do Sanatorio da Covilhã



Grupo de pastores na serra



Grupo da familia do sr. Barata, da Covilhã, tirado na serra

dego e o Zezere, nascendo juntos na base do massiço dos Cantaros, seguem juntos por Manteigas.

Pelo covão de Unhaes desce e serpenteia a pequena ribeira de Unhaes.

Fica ao gosto de cada um o gosar o maior numero de dias

este belo sitio onde ha uma fonte d'agua tão fria que no fim do verão só se póde tomar aos goles!

Aqui despedem-se os machos e os guias e carregadores encaminham-nos então para essa crista quasi a pino a que puzeram o nome de Espinhaço de Cão e que nos ha de conduzir ao cimo dos Cantaros, rua dos Mercadores e d'aqui ao planalto da Torre, o ponto mais alto de Portugal, d'onde se avista em dias claros o Bussaco e até o mar!

A subida do Espinhaço de Cão é custosa e até perigosa, principalmente na passagem chamada Pedra dos Abraços, onde se tem infalivelmente de passar.

Ali o turista tem que abraçar a pe-



Na cura: Todos os hospedes...
de um sanatorio em Portugal

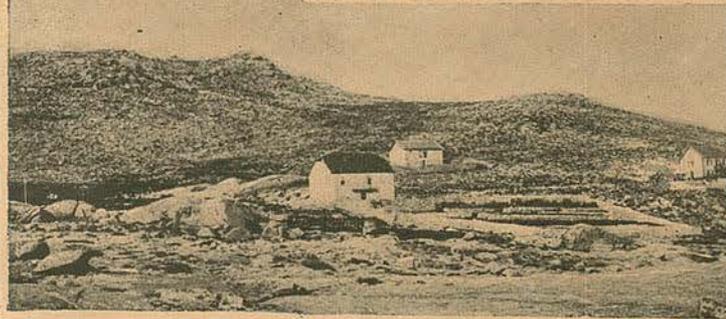
lado de lá da serra!

Os guias levam-nos
depois ás Lagôas, d'ahi ao
Observatorio.

Não se descrevem os be-
los panoramas que então
aparecem á nossa vista.

Quantos dias se perdem
n'essa doce contemplação
e em pequenas excursões
pelos arredores!

Uma bela e pitoresca es-
trada nos leva a uma esta-
ção de caminho de ferro



Um trecho da serra

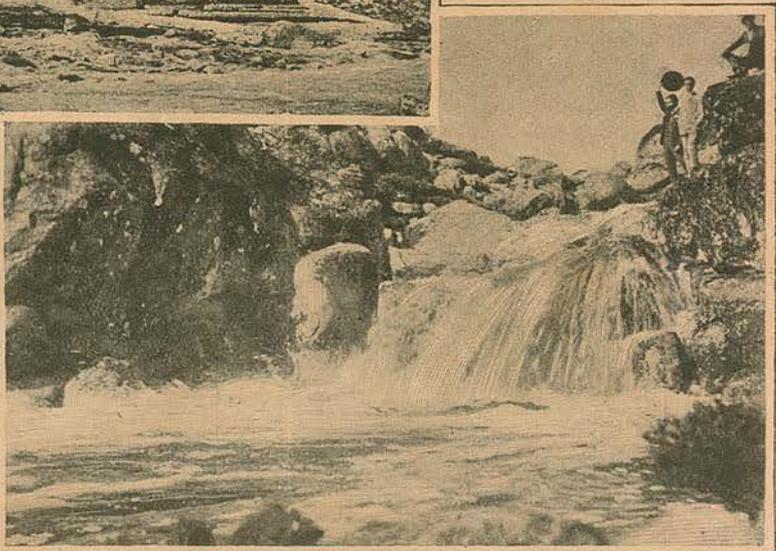
dra que tem esse nome e
rodeal-a virando as costas
ao abismo que se escanca-
ra a seus pés com uma al-
tura de perto de 300 me-
tros.

Todas as sensações do
alpinismo, emfim!

E lembrarmo-nos que as
cachopas que veem aos do-
mingos aos mercados na
Covilhã, a passam, a essa
Pedra dos Abraços, com as
enormes gigas á cabeça
carregadas dos
belos pecegos do

A 1.520 metros de altitude
proxima e já depois no com-
boio nós vamos admirando a
massa impouente da terra que
acabámos de visitar.

José d'Ataide C. B. Ramos



Uma cascata



1. Antes do banho, de D. Raquel Gameiro Ottoni.—2. *Rapariga d'Al-*

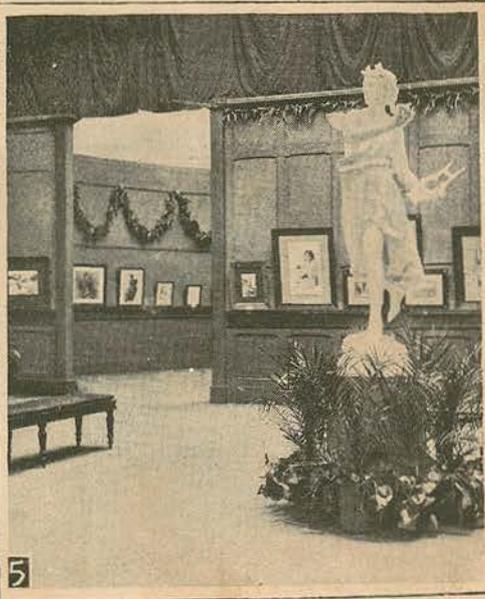
Continuou sendo muito concorrida a exposição de aguarelas no Palácio de Belas Artes, a que concorreram os mais laureados artistas da especialidade. Os trabalhos expostos continuaram igualmente a ser alvo de meticolosas atenções, não podendo os seus



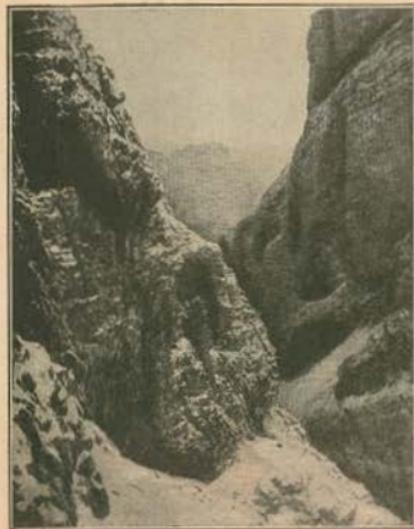
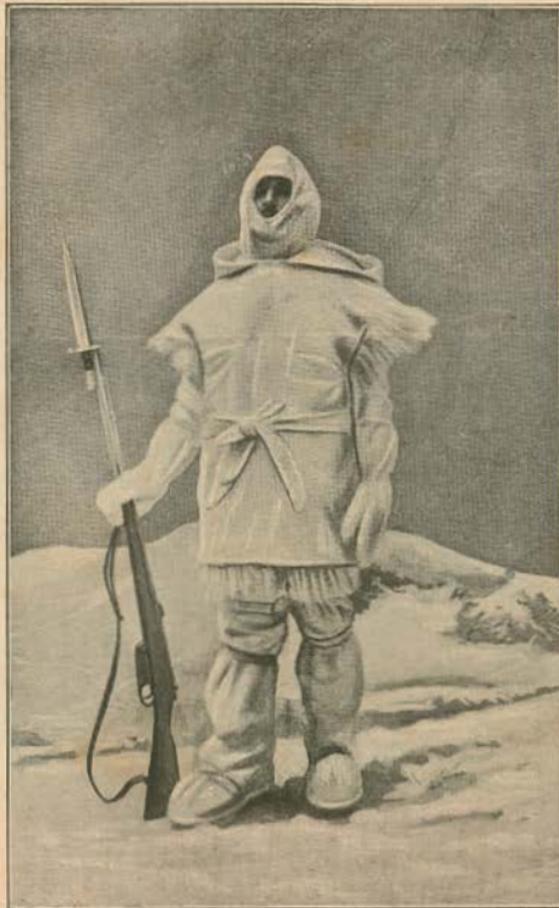
deia, de Alves Cardoso, adquirido pelo sr. Presidente da Republica.

observadores deixar de render os maiores e mais merecidos elogios aos seus autores pelas obras apresentadas.

Muitos dos quadros foram comprados, contando-se no numero dos compradores o sr. dr. Bernardino Machado, illustre presidente da Republica.



3. *Praia da Trafaria*, de Leitão de Barros.—4. *O Claustro*, de João Vaz.—5. Um trecho da exposição.—(Clichés Benoiel).



1. O acampamento na neve.—2. A vertente do monte Cristallo (Cadore).—3. Uma sentinela.—4. Acampamento a muitas dezenas de metros de altitude.—5. Outro aspecto do monte Cristallo

FIGURAS E FACTOS

Fotografia artistica



O sr. Alvaro Neves. — O 1.º official da biblioteca da Academia das Ciencias de Lisboa, sr. Alvaro Neves, publicou um interessante livro de apontamentos historicos sobre os arquivos e bibliotecas portuguezas, o qual encerra verdadeiras preciosidades bibliograficas que muito contribuirão como um poderoso auxilio para a organisação de uma historia geral dos mesmos arquivos e bibliotecas. Inseren'esselivro um curioso capitulo em que se relatam os varios episodios a que os arquivos de Braga deram motivo.



«Reconciliando-se! Perdõa, Euriquinho!»
Eurico e Helena, interessantes filhos do sr. dr. Eurico de Moraes e netos do sr. visconde de Moraes



O sr. dr. Candido de Figueiredo — Este illustre filologo e brilhantissimo escritor publicou um *Gramatica sintetica da lingua portugueza*, que é um verdadeiro monumento para o ensino da nossa lingua. Formata toda ella sobre trechos dos nossos classicos e sabendo-se como o sr. dr. Candido de Figueiredo tem estudado com afincada obstinacão toda essa grandiosa obra não é para admirar que a nova gramatica seja o primeiro livro portuguez no seu genero e como tal apreciado pelos que tem que ministrar o ensino da lingua patria.



4. O sr. Antonio Angelo da Cunha Rosa, general pertencente ao estado maior de infantaria, falecido em Lisboa. Era autor de varias obras de ciencias mathematicas — 5. O sr. dr. Mariano Arruda, deputado por S. Miguel, Acores, falecido em Lisboa. — 6. O sr. Eduardo Gernack Posso, capitão da guarnição da India, falecido em Lisboa. Tinha a medalha da Torre e Espada e outras. — 7. O sr. José de Campos Vaz, pae do sr. Vaz Junior, director da escola Raul Doria, do Porto, falecido em Ilhavo. — 8. O sr. Aureliano José Gonçalves, maestro e sub-chefe de musica



reformado, regente da filarmónica «Namarraes», de Tavira, falecido em Lisboa. — 9. O rev. José Gomes Relego Arouca, prior da freguezia de Santa Maria, de Lagos, onde faleceu. — 10. O sr. Domingos da Silva Bonifacio, socio da Sociedade Portugueza de Assucars, Limitada falecido em Lisboa. — 11. O sr. Fernando Ruela Candido, aluno do 5.º anno juridico na Universidade de Coimbra, falecido em Agueda. — 12. O menino Antonio Lourenço, filho do sr. Manuel Lourenço e afilhado do industrial sr. Antonio José de Oliveira, falecido em Lisboa.

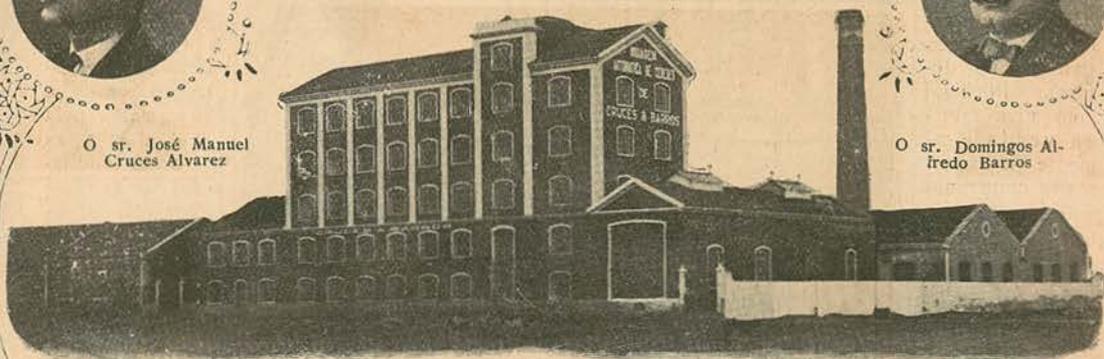
UMA NOVA FABRICA DE MOAGEM



O sr. José Manuel Cruces Alvarez



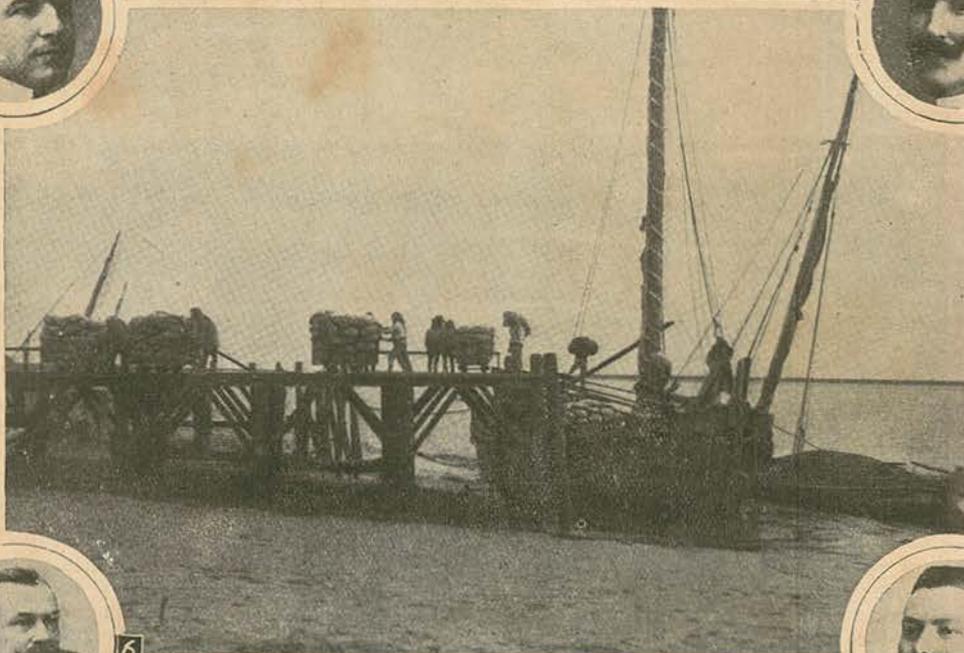
O sr. Domingos Alfredo Barros



Vista geral da fabrica

O comercio e a industria em Portugal estão mostrando dia a dia quanto vale a sua iniciativa e como são fecundas as suas energias. Os importantes negocian-

cuja instalação é das melhores que ha no nosso paiz, tendo mesmo novidades que muito interessam ao aperfeiçoamento da moagem. E' justo, porém, as-

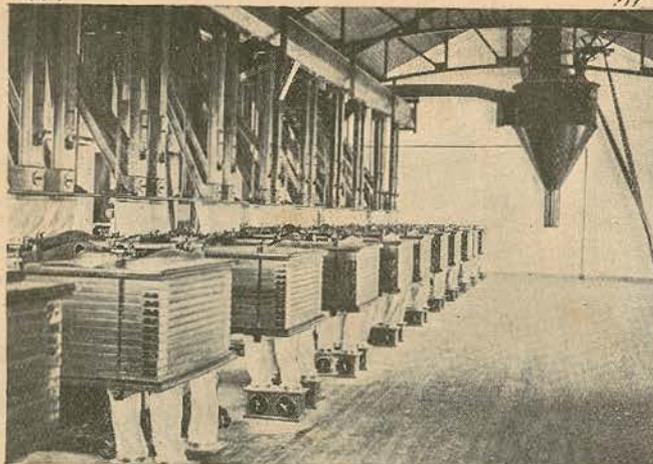


4. O sr. Manuel Rivera Duran.—5. O sr. Herman Minder.—6. Procedendo á descarga do trigo para a fabrica.—7. O sr. Luiz Bein.—8. O sr. José Rodrigues Martinho.

tes de cereaes, srs. Cruces & Barros, acabam de instalar, na Povoia de Santa Iria, apesar da crise mundial que impede todo o desenvolvimento industrial, uma nova e poderosa fabrica de moagens, que vimos de visitar. Os srs. Cruces & Barros são dois novos cheios de audacia e, assim, montaram uma fabrica

sinalar os serviços relevantes que lhes prestaram os srs. Daverio, Henriei & C.^o, de Zurich (Suissa), proprietarios da casa instaladora, com fama mundial, e bem assim os seus representantes em Hespanha, srs. Jacques Wyss e Leon Hiely e engenheiro-delegado em Portugal, sr. Luiz Bein,

tecnicos habi-
lissimos e estre-
mamente inteli-
gentes que do-
taram Portugal
com uma fabri-
ca verdadeira-
mente modelar.
Muito contribuiu
ainda para o exi-
to do empreendi-
mento o sr. Her-
man Runder,

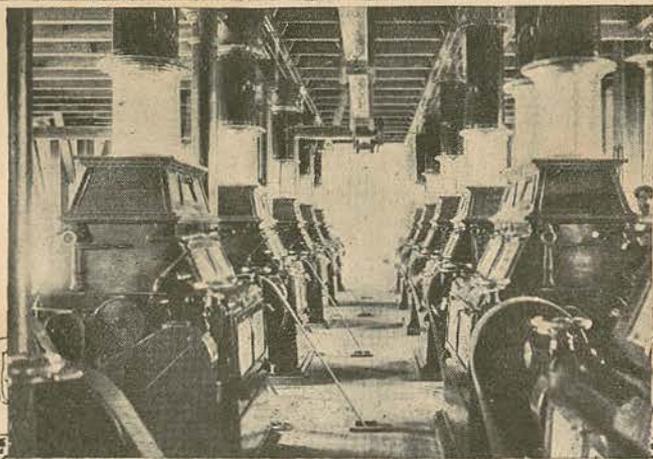


preferencia do
publico.

O grande edi-
ficio é uma cons-
trução solida e
elegante, pela
qual damos as
nossas felicita-
ções ao sr. José
Rodrigues Marti-
nho, distinto
construtor civil,
que não deixan-

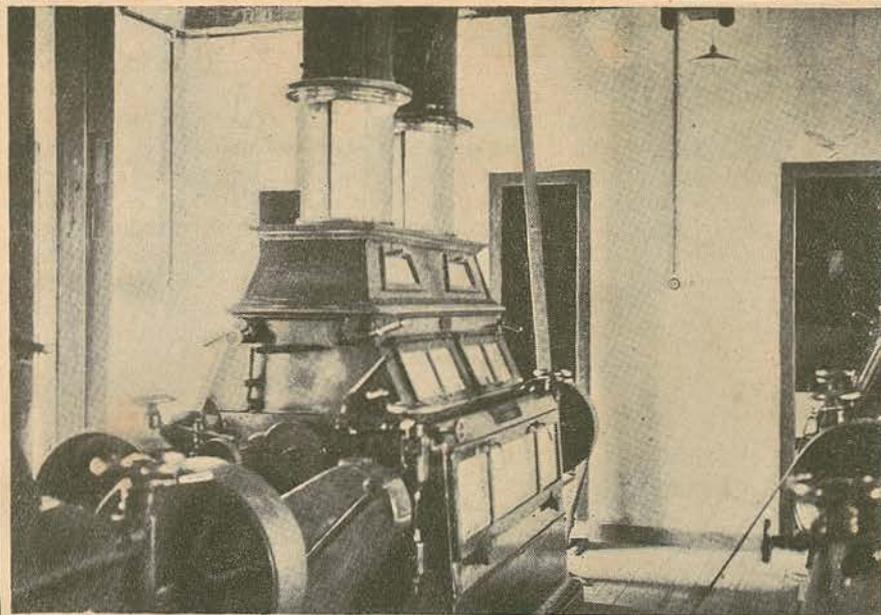


chefe-montador,
pelo zelo e de-
dicação que mos-
trou, pelo que fi-
cou agora exer-
cendo o cargo de
moleiro-chefe da
fabrica o que é
uma garantia se-
gura de que aos
seus produtos
não faltará a



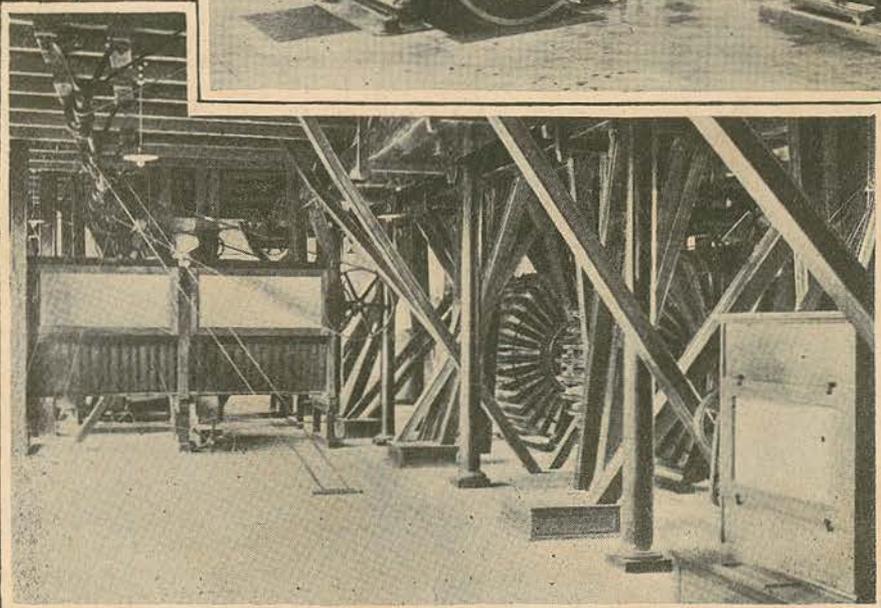
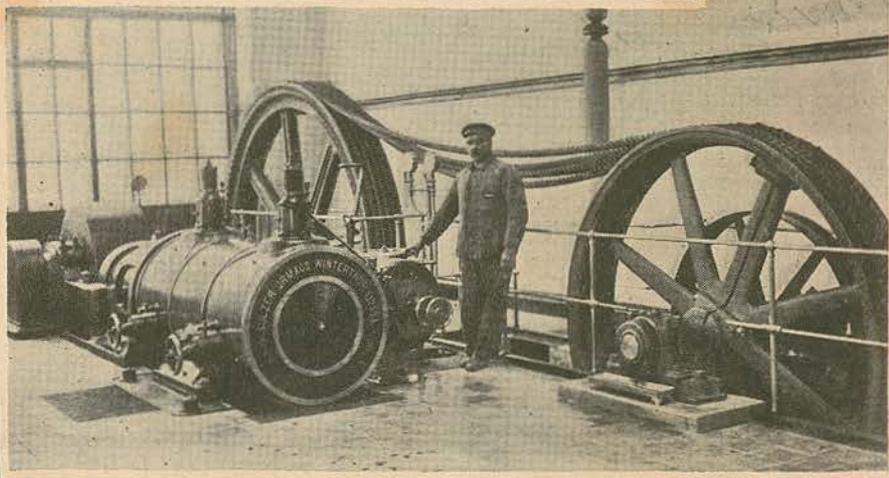
do de obedecer
a todos os re-
quisitos necessa-
rios e fazendo
uma obra de
grande solidez,
bateu o «record»
da velocidade
acabando uma
construção
d'aquela ordem
em 10 meses.

1. Sala dos Plausichters.—2. Sala do ensaque.—3. Sala dos moinhos



moçidade do sr. Manuel Rivera Duran, encarregado geral da fabrica, dotado de exceçoes qualidades de trabalho e pessoa extremamente simpatica que nos recebeu com uma amabilidade que

Finalmente, não devemos esquecer que para todo este resultado tão brilhante contribuiu poderosamente a extraordinaria energia e a ardente



não esqueceremos.

Os srs. Cruces & Barros podem felicitar-se por terem encontrado tão valiosos cooperadores e todos nós, portuguezes, os felicitamos calorosamente por esta sua iniciativa que a todos nos honra.

1. O maior moinho tipo Diagonal conhecido até hoje nas fabricas de moageus de Pçtugal.—2. O motor.—3. Sala dos estivadores.

(Clichés Benoitel).

TEATROS

FREI LUIZ DE SOUSA no Teatro Nacional

A grande obra prima de Garrett resurgiu ha algumas noites no Teatro Nacional, emoldurada no cenario que é a velha obra prima de Manini. O desempenho ofereceu-nos, d'esta vez, o interesse da ressurreição artistica do illustre e grande ator Alvaro no papel de «Romeiro» e a novidade da estreia d'uma pequena grande atrizinha de treze anos Judith de Castro, no papel de «Maria.» Alvaro foi magnifico de verdade, de emoção dramatica e de grandeza. Desde a composição da figura e das atitudes até á vibração da palavra, o seu desempenho foi completo. Judith de Castro revelou precoces e admiraveis dotes de expressão dramatica, sobretudo na cena da igreja, em que foi empolgante e admiravel. Tambem Carlos Santos fez—parece-me que pela primeira vez—o papel do Telmo. Obteve um belo triunfo.



O ator Alvaro

amoravel quadro de teatro. O Politeama montou a peça com luxo excepcional; Inacio Peixoto ensaiou-a e representou-a com talento—e Jorge d'Abreu, illustre jornalista e homem de letras, traduziu-a e adaptou-a com brilho notavel, adoçando, esclarecendo muitas das escabrosidades da versão franceza e dando elegancia e colorido ao dialogo, sempre gracioso, dos tres lindos atos.

MARÉ DE ROSAS no Teatro Avenida

A comedia, a fantasia, a satira de costumes a caricatura de figuras e a graça dos ditos, estão de tal fórma misturados, combinados, nos dois atos da nova revista dos srs. Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos que a *Maré de Rosas* pode considerar-se uma

das melhores obras produzidas por estes aplaudidos autores. O quadro da «Boa Hora», é esplendido—e seria um ato notavel de farça; o quadro das «Subsistencias» e o de «Pierrot e Colombina» são, na realidade, excellentes. *Maré de Rosas* ha-de divertir Lisboa—e lembrar-lhe, com um novo grande exito de



Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos, autores da revista «Maré de Rosas»

Os restantes interpretes, desde Augusta Cordeiro a Pato Moniz, são já conhecidos nos papeis que desempenharam agora com brilho, novamente.

OIRO SOBRE AZUL no Teatro Politeama

A' saída do teatro, em torno de mim, falava-se no *Amigo Fritz*. Eu proprio recordava no meu espirito a peça de Erckman Chatrian. Porque *Oiro sobre azul* (*Les cinq messieurs de Francfort*), nas figuras ou na ação, imite ou copie, essa outra velha comedia alemã? Não. Mas porque a atmosfera moral da peça, o seu encanto patriarcal e ingenuo, sugerem, não sei bem porquê, a bondade e o idilio do doce *Amigo Fritz*. Roesler fez uma comedia risonha, afavel, quasi terna e quasi alegre, quasi poesia e quasi caricatura, que é, na realidade um



Uma cena da peça «Oiro sobre azul», no teatro Politeama

cartaz, o sucesso da *Aguilha em Palheiro* e do *Capote e Lenço*. O espirito, a imaginação dos tres distintos comediografos e revisiteiros, continuando a bater entre nós o «record» da produção, no genero, continuam, ao que se vê, sem novidade na sua importante saude.

A. DE C.